
A FORMAÇÃO DA REGIÃO PRODUTIVA DO AGRONEGÓCIO-RPA DE VILHENA-RONDÔNIA

THE FORMATION OF THE AGRICULTURAL PRODUCTIVE REGION OF VILHENA-RONDÔNIA

Juander Antônio de Oliveira Souza¹

RESUMO: O objetivo desta pesquisa foi analisar a formação da Região Produtiva do Agronegócio-RPA na região de Vilhena no sul de Rondônia, com a produção de grãos, que levou a transformação do município de Vilhena para uma cidade do agronegócio com a agricultura moderna. A atividade agropecuária está presente em Rondônia desde o início de seu processo de colonização, com o avanço do homem sobre o território e novas áreas surgindo para a agropecuária. Com a implantação do terminal graneleiro do Grupo Amaggi, na Hidrovia do Madeira, no ano de 1997, a soja emerge no Estado como produto agrícola, trazendo nova dinâmica agrícola para a região. O processo de globalização estabelece novas formas e funções aos processos sociais, a partir do uso do território pelo homem, trazendo transformações no espaço geográfico, como vem ocorrendo no estado.

Palavras-chave: RPA de Vilhena. Cidade do Agronegócio. Agronegócio. *Commodities*. Soja.

ABSTRACT: The objective of this research was to analyze the formation of the Agribusiness-Production Region-RPA in the region of Vilhena in southern Rondônia, with the production of grains, which led to the transformation of the municipality of Vilhena to an agribusiness city with modern agriculture. Agricultural activity has been present in Rondônia since the beginning of its colonization process, with the advance of man over the territory and new areas appearing for agriculture. With the implantation of the Amaggi Group's bulk terminal, on the Madeira Waterway, in 1997, soy emerges in the State as an agricultural product, bringing new agricultural dynamics to the region. The globalization process establishes new forms and functions for social processes, from the use of territory by man, bringing transformations in the geographical space, as has been happening in the state.

Keywords: Vilhena's RPA. Agribusiness City. Agribusiness. *Commodities*. Soy.

¹ Engenheiro de Produção. Mestre em Geografia e Doutorando no Programa de Pós-Graduação Mestrado e Doutorado em Geografia da Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Professor Assistente II da UNIR/Campus de Cacoal. E-mail: juander@unir.br.

Artigo recibo em abril de 2020 e aceito para publicação em agosto de 2020.

INTRODUÇÃO

A atividade agropecuária está presente em Rondônia desde o início do processo de colonização dirigido pelo governo. À medida que o homem avança sobre o território e conquista mais espaço, novas áreas vão surgindo para a agropecuária. O uso do território pelo homem em busca da expansão da atividade produtiva, normalmente gera efeitos externos, sobretudo em relação aos aspectos sociais e ambientais, com transformações no espaço rural e urbano. O processo de globalização contribui para a modificação territorial nesses espaços.

A dinâmica do desenvolvimento da agropecuária em Rondônia começou pelos assentamentos de pequenos produtores na década de 1970 as margens da BR-364 com a implantação dos projetos de assentamento, iniciando o processo de derrubada da floresta para plantio de subsistência e comercialização do excedente, ocorrendo, nessa época, uma mudança gradativa que se intensifica com a produção pecuária a partir dos anos de 2000, quando o estado é considerado livre de febre aftosa com vacinação.

Com a abertura da Hidrovia do Madeira e a implantação do terminal graneleiro do Grupo Amaggi no ano de 1997, no município Porto Velho, capital do estado, a soja começa a emergir em escala, se tornando a principal *commodity* agrícola para o estado, moldando uma nova dinâmica na agricultura.

O artigo apresenta uma discussão da dinâmica de formação da RPA de Vilhena e a cidade do agronegócio, a partir do uso do território com a produção de *commodities* e adaptação da cidade de Vilhena para atender as demandas do meio rural. Foi realizado um levantamento de dados junto ao IBGE-SIDRA sobre a produção agropecuária da região, com destaque para a cadeia produtiva da soja. Identificou-se por meio de levantamento de dados na Junta Comercial do Estado de Rondônia (JUCER) e do IBGE a evolução do comércio e serviços no município de Vilhena, com um recorte temporal de 1997 a 2018. A pesquisa partiu da construção do referencial teórico por levantamento em livros, teses, artigos relacionados a temática da RPA desenvolvido por Elias (2006) em seus diversos trabalhos.

A REESTRUTURAÇÃO PRODUTIVA DA AGROPECUÁRIA

A reestruturação da agropecuária resulta da difusão do agronegócio globalizado pelo Brasil. Esse processo explica as novas dinâmicas socioespaciais e a formação de novas regiões produtivas, responsável pela reestruturação do espaço agrícola, urbano e regional pelo país. “Como resultado, poderíamos destacar: o aumento da densidade técnica-científica-informacional no espaço agrícola; nova distribuição de funções produtivas pelo território; difusão de especializações” (ELIAS, 2017)

A região é entendida como fruto de uma solidariedade organizacional e não mais uma solidariedade orgânica localmente teleguiada (SANTOS, 1994). As regiões existem, porque sobre elas se impõem arranjos organizacionais, criadores de coesão organizacional baseado em racionalidade de origens distantes, mas que se tornam o fundamento da existência e da definição desses subespaços (ELIAS, 2003, p. 55).

Partindo do pensamento sobre a compreensão de região, o agronegócio será entendido como termo que expressa as relações dos diversos setores da economia sob a mobilização do produto agrícola operado pelos capitais agropecuários e industrial. “Designa a aproximação entre a agricultura e a agroindústria, ao trabalhar todos os momentos da produção e da circulação da mercadoria com impacto nas dinâmicas sociais e territoriais agrárias e urbanas, principalmente em função da valorização e incorporação de terras a produção do agronegócio” (COSTA SILVA, 2014).

O agronegócio promove a dispersão espacial da produção agropecuária, estendendo a fronteira agrícola, com a substituição das vocações naturais pelas imposições econômicas, troca a produção de alimentos pela de *commodities*, afetando as formas de uso e ocupação do espaço agrícola (ELIAS, 2017). A partir da produção de *commodities*, surge as especializações territoriais produtivas com a intensificação da divisão social e territorial do trabalho.

A agropecuária brasileira, vem passando por transformações técnico-científicas mais intensa a partir dos anos de 1970, promovendo uma grande (re)organização no território com o aparecimento de novas regionalizações a partir da introdução do agronegócio, que se intensifica por todo o país, com áreas cada vez mais competitivas denominadas de Regiões Produtivas do Agronegócio – RPA.

A RPA é um conceito desenvolvido pela pesquisadora Denise Elias (ELIAS, 2006, 2011, 2013, 2017) nas regiões produtivas agrícolas, para evidenciar as dinâmicas socioespaciais oriundas do agronegócio globalizado. Nessas regiões os principais agentes transformadores são as empresas agropecuárias, agroindustriais, *tradings*, tornando essas regiões funcionais ao agronegócio globalizado, trazendo novas dinâmicas de (re)produção dos espaços agrícola e urbano, associado ao processo de reestruturação produtiva da agropecuária, abertas a expansão dos sistemas de objetos e sistemas de ação (SANTOS, 1996), tendo a globalização como uma característica fundamental alicerçada no agronegócio.

As RPAs são compostas por espaços agrícolas modernos, extremamente racionalizados, formando manchas de redes agroindustriais na produção de importantes *commodities*, recebem investimentos público e privado, promovendo mudanças nas formas de uso e ocupação do espaço agrícola, intensifica as relações campo-cidade e urbanização, dada as transformações sociais (ELIAS, 2013). As cidades ligadas a produção do agronegócio têm maior crescimento urbano, passa a ter novas funções, processando novas regiões produtivas especializadas, inerentes aos diversos circuitos da economia do agronegócio (ELIAS, 2015).

As RPAs compreendem apenas uma parte dos circuitos espaciais de produção. Muitas *commodities* são processadas em outras regiões ou países, como a maior parte tem destinos internacionais, essas regiões são consideradas como meras regiões do fazer, seguindo a dialética entre a ordem global e ordem local. As escalas locais e regionais se organizam com base nos mercados que são comandados por grandes empresas hegemônicas nacionais e multinacionais. Como resultado, tem a fragmentação do espaço e uma (re)estruturação urbana e regional.

Com investimentos produtivos inerentes ao agronegócio, as RPAs são as regiões mais competitivas com a produção de *commodities* agrícolas, onde as grandes corporações são os agentes de transformação do espaço regional, rural e urbano. Na RPA de Vilhena, encontra-se instalado no município de Vilhena escritório das multinacionais como a Cargill, Bunge, das nacionais como o Grupo Amaggi e Grupo Masutti. Empresas detentoras de capital, financiam os produtores com dinheiro e insumos, garantindo a compra do produto agrícola.

Essas empresas hegemônicas provocam as mudanças na forma de uso e ocupação do espaço agrícola, intensificam as relações campo-cidade e a urbanização, provoca a instalação de fixos e aumento dos fluxos, mexe com a estrutura fundiária promovendo uma concentração de terras e propicia um maior consumo consumptivo com a instalação de diversas lojas e empresas para atendimento do agronegócio e demanda da população. O espaço urbano torna-se funcional ao agronegócio fazendo a gestão local e regional da atividade, suprindo as demandas do campo, tendo na cidade o suporte necessário a produção, fornecendo insumos, materiais, equipamentos e serviços.

Com a globalização, a expansão tecnológica através do capital passa a eliminar algumas das diferenças regionais, tendo em vista que cada *commodity* possui exigências específicas,

possibilitando a ocupação de áreas que não despertava interesse a agricultura moderna. A produção sojícola emprega muita tecnologia em todas suas fases, é praticamente quase toda mecanizada e exige mão-de-obra qualificada para operação das máquinas agrícolas.

O agronegócio intensifica as desigualdades sociais e territoriais, gera conflitos, devido as disputas entre os atores envolvidos, como a expropriação de camponeses, modificando a dinâmica do mercado de terras propiciando a concentração fundiária. As RPAs não respeitam os limites políticos administrativos, podendo ser formada por diferentes municípios e estados, geralmente esses limites são reconhecidos pelas empresas e a população pertencente a região (ELIAS, 2003).

Onde ocorre a expansão do agronegócio, promove um uníssono da economia urbana, sendo possível identificar os processos de urbanização e reestruturação urbana da cidade ligada a essa expansão (ELIAS, 2013). “O setor agropecuário passa a ser controlado mais diretamente pelas corporações industriais ou comerciais, nacionais ou transnacionais, mas sempre com a decisiva participação do estado através, sobretudo, de políticas setoriais e de financiamentos” (CASTILLO *et al.*, 2016).

A produtividade aumenta, fazendo aumentar o interesse do capital por mais terras. Com a valorização da terra, e pressionados pelo agronegócio, muitos produtores descapitalizados e sem tecnologia para investir acaba arrendando ou vendendo suas terras. Com a venda, geralmente buscam por outras regiões onde tem terras mais baratas em que a fronteira agrícola ainda não está consolidada. Os despossuídos de terras, vão formar um exército de mão-de-obra para o campo e para a cidade, engordando as periferias urbanas e promovendo o crescimento irregular e desordenado, carente de serviços básicos e infraestrutura.

AGRONEGÓCIO E RELAÇÃO CAMPO CIDADE

O agronegócio globalizado promove transformações não só no campo, mas também no processo de urbanização, reorganizando o crescimento das áreas urbanas com intensa inter-relação entre campo e cidade a partir das atividades agrícolas e agroindustriais (FREDERICO, 2011). Essa inter-relação entre campo-cidade fortalece o crescimento das cidades em razões demográficas e econômicas. Para Gabrig (2016) as cidades do agronegócio compõem um urbano diferenciado, com suas funções voltadas para o atendimento das demandas do agronegócio global.

A racionalização desses espaços do agronegócio, deriva da formação de redes da produção agropecuária globalizada, resultando na especialização da produção e produção de diferentes arranjos produtivos agrícolas (ELIAS, 2007, 2015). A força do capital em se materializar é maior que as dinâmicas territoriais já consolidadas. O investimento e a materialização do capital nessas cidades e nos espaços produtivos da agricultura, passam a reestruturar o campo, lugar de produção agrícola, tendo a cidade para fazer a gestão e atender a demanda do campo com toda a infraestrutura necessária a produção.

De acordo com Elias (2006), as cidades do agronegócio têm origem em dois processos, sendo o primeiro a adaptação as novas funções e por segundo a criação de novas cidades. Quanto maior for a especialização produtiva do campo com o avanço do meio técnico-científico-informacional, maior será sua urbanização e inter-relação entre campo e cidade (FREDERICO, 2011).

Para Maldonado, Almeida e Picciani (2017), além das cidades do agronegócio em tradicionais áreas agrícolas da região Sul e Sudeste, se destaca as áreas de cerrado das regiões Centro Oeste, Norte, Nordeste. Para os autores a especialização funcional pode ser a partir da presença de crédito

agrícola, revendedora de insumos e maquinários agrícolas, unidades armazenadoras, escritórios de consultoria agrícola, assim como o valor e o tipo de produto exportado.

Ocorre um efeito cascata, em todos os ramos da cidade, seja de forma direta ou indireta ao agronegócio. Como exemplo temos ampliação ou implantação de hotéis para atender a demanda crescente; surge novas empresas, indústrias, serviços, comércios, casa de agropecuária, laboratórios, escritórios, agências bancárias (ELIAS, 2011). Crescem os mercados para acompanhar o aumento da urbanização, os centros de ensino abrem cursos técnicos, tecnológicos, graduação, pós-graduação, para atender aos diversos nichos que vão surgindo com a expansão da especialidade produtiva da região. Consequentemente aumenta a urbanização e o fluxo, maior movimentação nas ruas e comércio, mobilizando toda a infraestrutura nas cidades.

A especialização produtiva, também é a centralidade exercida por determinado núcleo na rede urbana, coloca em movimento a produção das localidades vizinhas (MALDONADO; ALMEIDA; PICCIANI, 2017). Hoje é cada vez menor o número de regiões capazes de dirigir a si mesmas, e acirra a divisão territorial do trabalho entre as áreas do mandar e as áreas do fazer (SANTOS, 1996). A primeira é compreendida como as regiões onde está localizado o capital, sede das grandes empresas e instituições financeiras que pensam o território de maneira global, já a segunda, são marcadas por suas especializações na produção, seguindo as ordens de produção das áreas do mandar (SANTOS; SILVEIRA, 2006).

As cidades do agronegócio se difundem pelo Brasil agrícola moderno, promovendo uma metamorfose e crescimento da economia urbana das cidades próximas às regiões de produção agropecuária (ELIAS, 2003). Onde o agronegócio encontra-se consolidado, é notório o desenvolvimento das áreas urbanas resultante das inter-relações da globalização da produção agrícola e agroindustrial. Tem-se uma reorganização do território nacional nos espaços rurais e urbanos com a expansão do meio técnico-científico-informacional (ELIAS, 2007; SANTOS, 1986).

Algumas cidades se adaptam ao agronegócio, outras nascem do avanço da agricultura, como o município de Luiz Eduardo Magalhaes localizado no oeste da Bahia que nasceu do agronegócio da soja (ELIAS, 2007), tem sua economia atrelada ao cultivo do grão sendo resultado da expansão do agronegócio globalizado. O município de Sapezal no oeste do Mato Grosso “é um caso emblemático de criação de um município para promover a urbanização dentro de uma lógica de expansão do agronegócio” (BARBOSA, 2011), já nasceu planejado a partir da produção agrícola sojifeira. A produtividade espacial revela a existência de uma hierarquia de lugares, que se cria e recria em função de um movimento que é nacional e mundial (ARROYO, 2006, p. 76).

A especialização produtiva dos espaços agrícolas e urbanos exige a implantação de outras atividades repercutindo na organização das cidades para atender as necessidades impostas pela produção agrícola e agroindustrial. A modernização e expansão territorial da agricultura tem resultado na estruturação de uma nova divisão territorial do trabalho da produção agrícola em formações socioespaciais (MALDONADO; ALMEIDA; PICCIANI, 2017). A produção agropecuária é cada vez mais dependente dos recursos financeiros, científicos, tecnológicos e informacionais, propiciados pelo capital, reestruturando as relações entre campo e cidade dentro de suas respectivas redes urbanas (MALDONADO; ALMEIDA; PICCIANI, 2017; ELIAS, 2007; SANTOS, 1994).

A constituição socioespacial brasileira possui a disponibilidade de grandes áreas agricultáveis, com a agricultura moderna voltada à exportação de *commodities*, presença de grandes empresas globais, promovendo dinâmicas territoriais, e especialização funcional dos centros urbanos em atender as demandas do campo moderno (MALDONADO; ALMEIDA; PICCIANI, 2017). A expansão do agronegócio gerou um novo modelo de

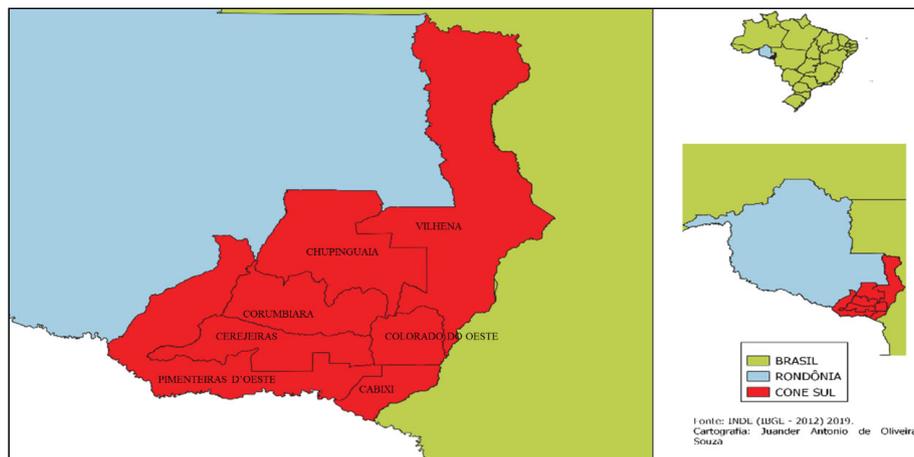
produção agropecuária promovendo o êxodo rural e expropriando os pequenos proprietários rurais, e na mesma sequência os que não possuem a posse da terra, migram para as cidades ou outras regiões. Desenvolve um mercado de trabalho agrícola hierarquizado com trabalhadores especializados nos diversos setores ligados ao agronegócio, aumentando a divisão de tarefas, funções produtivas e administrativas, apresentando novas dinâmicas populacionais com profissionais especializados de origem e vivência urbana (ELIAS, 2007).

A cidade tornou-se o centro da realização da produção agrícola moderna, articulando o consumo produtivo e consumptivo. Algumas cidades tornam-se novos centros, enquanto outras perdem função exercidas em períodos anteriores, ocorrendo uma maior especialização dos núcleos urbanos, aprofundando a divisão territorial do trabalho com a criação de mais fluxos (MALDONADO; ALMEIDA; PICCIANI, 2017). Essa especialização modifica a relação pré-terita campo-cidade, com novos elementos estruturantes.

O agronegócio é importante para a região que se encontra, imprime o funcionamento da cidade e uma dinâmica particular a cultura praticada, gerando divisas para o estado e a movimentação financeira da região.

REGIÃO PRODUTIVA DO AGRONEGÓCIO-RPA DE VILHENA - RONDÔNIA

ARPA de Vilhena, localizada no Sul de Rondônia, possui área territorial de 31.448 km², composta por sete municípios, sendo Cabixi, Corumbiara, Colorado do Oeste, Pimenteiras do Oeste, Cerejeiras, Chupinguaia e Vilhena. Este último, é o maior da região em população e desenvolvimento econômico, se tornando um polo de referência com o comércio e prestação de serviços. A principal influência da colonização foram os fluxos migratórios, com a implantação do Plano de Integração Nacional - PIN que o estado recebeu em seus ciclos, o que propiciou a criação de Vilhena e outros municípios, seguindo a mesma lógica de ocupação da região amazônica. A Figura 1 mostra a localização da RPA de Vilhena.



Fonte: IBGE/SIDRA, 2017. Organização: Autor.

Figura 1. Localização da área de estudo: RPA de Vilhena.

Uma transformação ocorrida no município de Vilhena relacionada a soja, pioneiro no cultivo do produto agrícola em Rondônia, é que a região acabou por ser polo da atividade ocorrendo sua difusão aos municípios adjacentes, com a implantação e instalação de infraestrutura, como silos de armazenagem, secadores de grãos, implantação de escritórios de grandes empresas, como a

Bunge, Cargill e Amaggi, Grupo Masutti, promovendo o fortalecimento e especialização da soja, apresentando efeitos socioeconômicos produzidos pela dinâmica da instalação da infraestrutura aos municípios circunvizinhos. Nos últimos anos, vem se observando o avanço da soja sobre outras regiões do estado, ocupando espaços de outras atividades agrícolas já praticadas na região.

Quadro 1. População da RPA de Vilhena, Censos Demográficos de 2000 e 2010.

Cidade/Ano	2000			2010					
	Pop. Total	Pop. Urbana	Pop. Rural	Pop. Total	Δ%	Pop. Urbana	Δ%	Pop. Rural	Δ%
Cabixi	7518	2672	4846	6313	-16,03%	2693	0,79%	3620	-25,30%
Cerejeiras	18207	14846	3361	17029	-6,47%	14419	-2,88%	2610	-22,34%
Colorado do Oeste	21892	14576	7316	18591	-15,08%	13657	-6,30%	4934	-32,56%
Chupinguaia	5521	1954	3567	8301	50,35%	3663	87,46%	4638	30,03%
Corumbiara	10459	2073	8386	8783	-16,02%	2590	24,94%	6193	-26,15%
Pimenteiras do Oeste	2527	1398	1129	2315	-8,39%	1292	-7,58%	1023	-9,39%
Vilhena	53598	50601	2997	76202	42,17%	72218	42,72%	3984	32,93%
Total	119722	88120	31602	137534	14,88%	110532	25,43%	27002	-14,56%

Fonte: IBGE, Censo Demográfico (2000, 2010). Organização: Autor.

O Quadro 1 traz o resultado dos Censos Demográficos referentes ao ano de 2000 e 2010, apresentando a variação populacional entre os municípios da RPA de Vilhena. Os municípios de Cabixi, Cerejeiras, Colorado do Oeste, Corumbiara e Pimenteiras do Oeste, apresentaram uma redução na população total, sendo mais significativa em termos percentuais a redução da população rural de Colorado do Oeste com -32,56%. Enquanto que, Chupinguaia e Vilhena apresentaram um crescimento populacional total de 50,35% e 42,17%, com um aumento da população rural de 30,03% para Chupinguaia e 32,93% para Vilhena.

Conforme estimativa do IBGE para o ano de 2019, a população total da RPA de Vilhena continua crescente, com cerca de 156.201 habitantes (IBGE, 2019) e um crescimento acumulado aproximadamente de 12% entre os anos de 2010 para 2019.

Quadro 2. Rondônia: os dez municípios com maior produção de soja e área plantada em 2018.

Ranking dos Municípios	Produção em Toneladas	Área em hectares
Rondônia	1.000.311	300.816
1. Vilhena	168.540	53.000
2. Corumbiara	121.680	39.000
3. Pimenteiras do Oeste	113.100	32.600
4. Cerejeiras	112.620	29.000
5. Chupinguaia	101.400	26.000
6. Cabixi	86.234	24.780
7. Rio Crespo	50.076	16.146
8. São Miguel do Guaporé	32.010	10.670
9. Porto Velho	30.880	9.650
10. Alto Paraíso	29.966	9.174

Fonte: SIDRA.IBGE (Produção Agrícola Municipal, 2018). Organização: Autor.

A cidade de Vilhena é conhecida como Portal da Amazônia, por estar localizada na entrada da região da Amazônia Ocidental, com sua base econômica concentrada nos setores terciário, e primário com a produção de grãos. O Quadro 2, traz os dez maiores municípios produtores de soja do estado na safra de 2018 com o volume de produção e a área plantada.

Seis dos maiores municípios produtores de soja em Rondônia, pertencem à RPA de Vilhena. O total de soja produzido no estado na safra de 2018 foi de 1.000.311 toneladas, e a região estudada respondeu por 846.506 toneladas representando 84,62% da produção estadual concentrando 83,11% da área plantada com 250.020 hectares (vide quadro 2). É possível perceber o peso que tem o agronegócio da soja para a área em estudo e para o estado.

Os municípios que pertencem RPA de Vilhena, seguiram a mesma dinâmica de ocupação e povoamento dos projetos de colonização em Rondônia, mantendo sua base econômica assentada na agropecuária, se especializando com a produção de grãos a partir do agronegócio com o *commodity* soja por meio de investimentos de capital no campo e na cidade, tornando a região uma grande produtora de grãos.

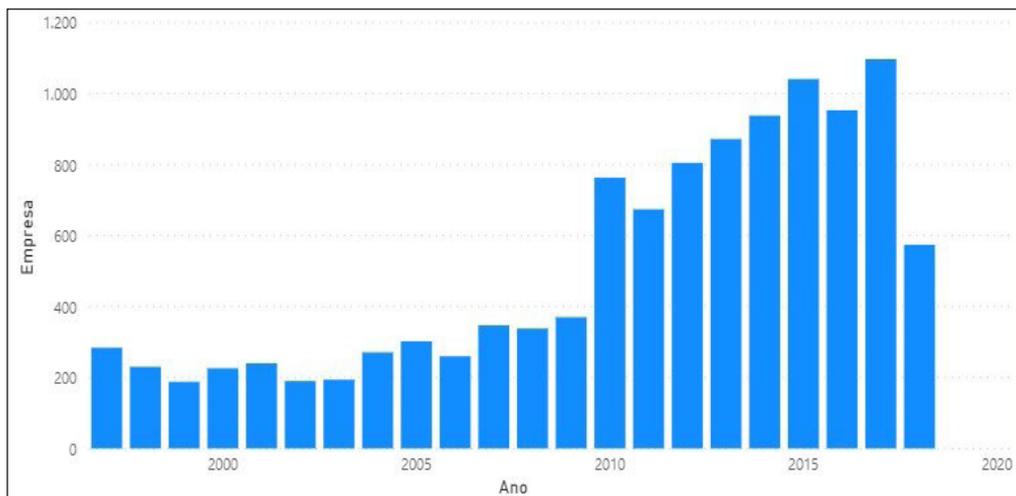
A cidade de Vilhena modernizou as atividades agrícolas e redefiniu suas funções e estrutura para atender as demandas da agricultura moderna. Frederico (2011) destaca que dentre os principais serviços ofertados pelas cidades ao campo moderno destacam-se:

[...] a revenda de insumos químicos, mecânicos e biológicos; a prestação de consultorias agronômicas, logística, financeira e de mercado; o beneficiamento e processamento agroindustrial dos grãos; o armazenamento e transporte de insumos e produtos agrícolas; o fornecimento do crédito de investimento e custeio (via bancos e empresas privadas); e a comercialização dos grãos (via corretores e tradings) (FREDERICO, 2011, p. 09).

Conforme elencado, são os exemplos da modificação do comércio para atender ao agronegócio e demandas do campo, fornecendo um vasto comércio de insumos, prestação de serviços e demais atividades inerentes ao agronegócio.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Vilhena é uma cidade do agronegócio, possui infraestrutura especializada para atender as demandas da produção agrícola, com um comércio pujante e empresas de prestação de serviços especializados nas diversas atividades da agricultura moderna. Apresenta um crescimento no número de empresas desde a década de 1990 com maior expressividade para o ramo do “Comércio”, seguida do ramo da “Indústria de transformação”, assim como no ramo “Atividades administrativas e serviços complementares” (JUCER, 2019). Na última década, apresentou um aumento na abertura de novas empresas concentrado entre os anos de 2010 e 2017 como pode ser observado na Figura 2, que mostra uma série histórica das empresas no município.



Fonte: JUCER, 2019.

Figura 2. Abertura de empresas por ano em Vilhena de 1997 a 2018.

O ano de 2017 teve o maior número de abertura de empresas da série histórica totalizando 1.097. Em 2018 ocorreu uma redução de 47,67% em comparação a 2017 totalizando 574 empresas abertas (Figura 2). Essa redução de abertura de empresas pode ser decorrente da situação política que o país atravessava após o *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, somado ao ano eleitoral de 2018, gerando incerteza na economia, considerando os planos de governo apresentados pelos candidatos com propostas de políticas de desenvolvimento econômico para a condução do país. Essas propostas políticas podem aumentar ou diminuir o risco de investimentos para atrair investidores, desaquecendo a economia doméstica e diminuindo a abertura de novas empresas.

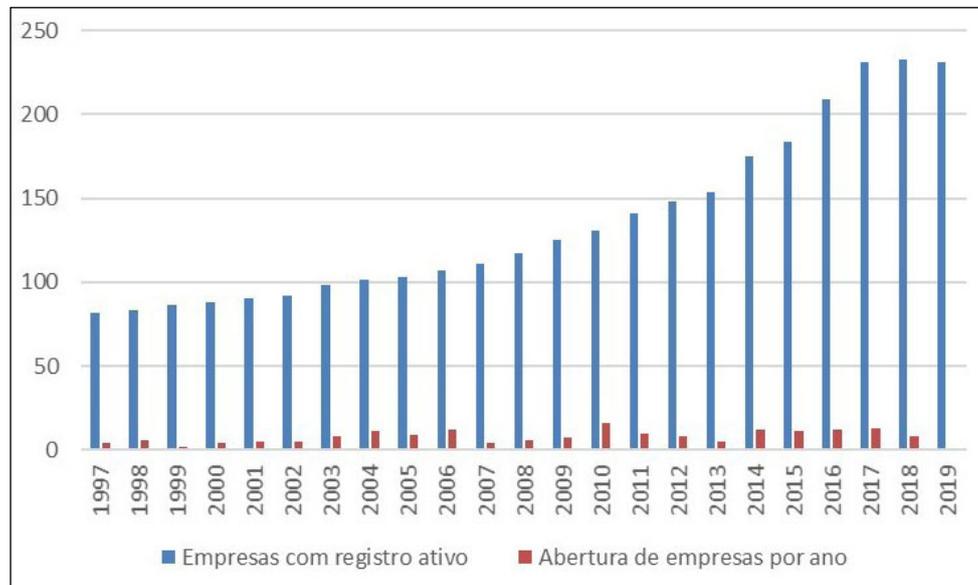
De acordo com a JUCER, o estado fechou o ano de 2019 com 132.159 empresas com cadastro ativo, sendo que Vilhena comporta 7,18% desse total, correspondendo a 9.493 empresas. Em 2019, das empresas rondonienses com cadastro ativo, apenas 55.440 unidades empregaram trabalhadores formais, gerando 235.172 vagas de empregos, em Vilhena são 4.475 empresas com 18.303 vagas de empregos formais correspondendo a 7,78% (JUCER, 2019).

Vilhena é o terceiro município com maior número de empresas ativas no estado, ficando atrás de Porto Velho com 45 mil empresas e Ji-Paraná com 11,8 mil empresas, estando a frente de Cacoal e Ariquemes (as cinco maiores cidades do estado) com 8,9 e 7 mil empresas (JUCER, 2019). Nem todas as empresas com registro ativo geram emprego formal, muitas são de micro empreendedor individual-MEI, que se registram para sair da informalidade.

Como cidade do agronegócio, Vilhena apresenta 231 empresas ligadas diretamente ao ramo agropecuário com registro ativo conforme figura 3, sendo o quarto município com maior número desse segmento, ficando atrás de Porto Velho com 851, Ariquemes com 291, Ji-Paraná com 228. O forte do agronegócio vilhenense é a agricultura com cultivos de grãos (soja e milho), enquanto Porto Velho e Ariquemes produzem mais bovinos, porém apresenta um crescimento na produção de grãos. Ji-Paraná e Cacoal tem forte peso na atividade pecuária leiteira em estabelecimentos da agricultura familiar, provenientes do modelo de colonização não sendo destaque com a produção de grãos.

Estratificando as empresas do ramo da agropecuária instaladas em Vilhena com registro ativo, pode ser observado o crescimento anual conforme Figura 3, que traz a série histórica das

empresas do ramo agropecuário entre os anos de 1997 à 2019, com o total de empresas com registro ativo e abertura de novas empresas a cada ano. O ano de 2010 foi o que apresentou maior número de abertura de empresas, com crescimento acentuado a partir de 2014 até 2017.



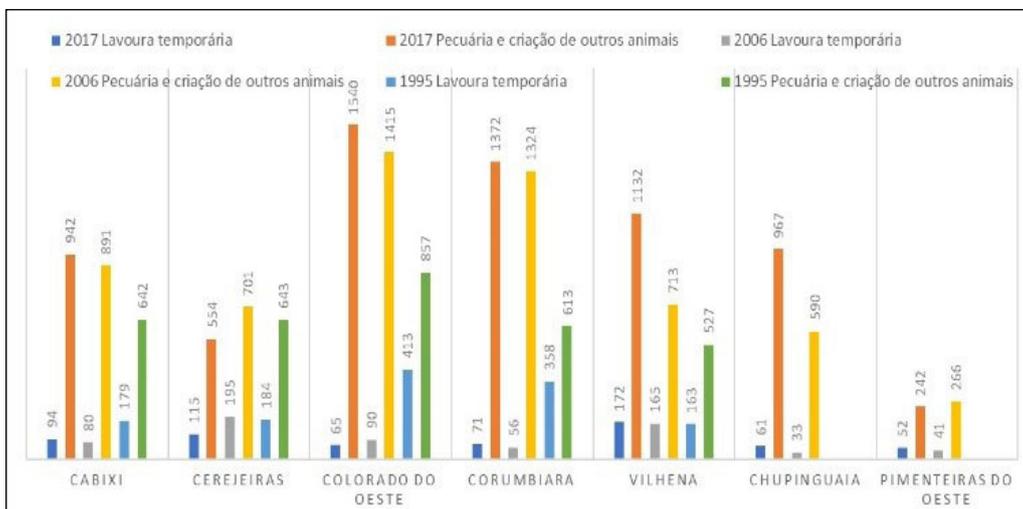
*Dado não disponível referente a abertura de empresas para 2019. Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Figura 3. Empresas do ramo Agropecuário ativa e abertura em Vilhena, 1997 a 2019.

A abertura de empresas do ramo agropecuário foi sempre crescente, acompanhando a evolução do número de estabelecimentos rurais agropecuários com atividades agrícolas e pecuárias. A Figura 04 mostra a evolução dos estabelecimentos agropecuários com atividades agrícolas e pecuárias entre os anos de 1995 a 2017 para os municípios pertencentes a RPA de Vilhena. Os municípios de Cabixi, Chupinguaia, Colorado do Oeste, Corumbiara e Vilhena, tiveram um acréscimo no número de estabelecimentos de atividade pecuária, e uma redução no número de estabelecimentos que pratica atividades agrícolas com lavoura temporária.

O município Cerejeiras apresentou uma redução no número de estabelecimentos que pratica a atividade pecuária, em 1995 registrou 643 estabelecimentos, em 2006 possuía 701 estabelecimentos, visto que em 2017 possuía 554 estabelecimentos. No mesmo período o número de estabelecimentos agropecuários com lavoura temporária reduziu, saindo de 184 estabelecimentos em 1995 para 115 em 2017, representando uma redução de 60%, ou seja, mostrando uma concentração de terras, típico da agricultura moderna que necessita de grandes áreas agricultáveis, tornando-se o município o segundo no estado que a soja se espacializou.

Os municípios de Chupinguaia e Pimenteiras do Oeste, não possuem dados relativos ao ano de 1995, foram emancipados nesse mesmo ano. Chupinguaia apresentou um aumento no número de propriedades com bovinos saindo de 590 estabelecimentos em 2006 para 967 estabelecimentos em 2017. Quanto a lavoura temporária, essa teve crescimento de 33 para 61 estabelecimentos no mesmo período (Figura 4).



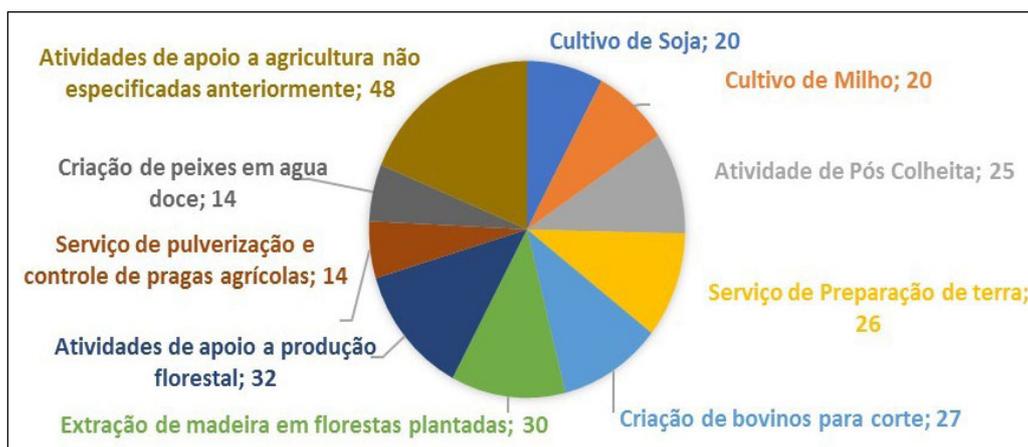
Fonte: IBGE-SIDRA, 2017. Organização: Autor, 2019.

Figura 4. RPA-Vilhena: Número de estabelecimentos com lavoura temporária e pecuária, 1995-2017.

Pimenteiras do Oeste apresentou uma redução, em 2006 possuía 266 estabelecimentos com atividade pecuária e em 2017 foi 242 estabelecimentos. Quanto aos estabelecimentos que praticam a atividade de lavoura temporária teve um aumento de 41 para 52 estabelecimentos no mesmo período, Figura 4.

Comparando a Figura 3 com a 4, percebe-se uma correlação positiva entre o aumento do número de estabelecimentos agropecuários e o aumento de estabelecimentos comerciais do ramo da agropecuária. Conforme ocorre o crescimento do número de estabelecimentos que praticam a atividade agropecuária, cresce o número de comércios que atendem essa demanda, vez que a Figura 3 apresenta dados apenas da cidade de Vilhena.

Depois de apresentada a evolução histórica das empresas em Rondônia, a quantidade de estabelecimentos agropecuários que praticam a atividade de pecuária e de lavouras temporárias na RPA de Vilhena, foi realizada a estratificação das empresas que compõem o ramo de atividades agropecuárias no município de Vilhena. As principais empresas comerciais do ramo da agropecuária somavam um total de 231 estabelecimentos (Figura 5), dividida em modalidades das atividades agropecuárias.



Fonte: Pesquisa de Campo, 2019.

Figura 5. Vilhena: principais atividades agropecuárias e total de empresas em 2019.

Para a atividade pecuária, Vilhena conta com 27 estabelecimentos comerciais diversos, desde casas de agropecuária a venda de embriões, escritórios que prestam consultoria rural e demais serviços como análise de solo, projetos de financiamentos, etc. Encontra-se instalado no município uma unidade frigorífica do Grupo JBS, com abate diário médio de 800 bovinos (MARQUES, 2017). Esse frigorífico exporta carne para outros estados e países, como estados Unidos, Rússia, Malásia, em 2019 foi habilitado pela China para exportar carne bovina aos países asiáticos (ÉPOCANEGÓCIOS, 2019; MARQUES, 2017).

Conforme cresce a demanda por atividades de apoio à agricultura moderna, a cidade do agronegócio vai se adaptando e qualificando a mão-de-obra de acordo com as necessidades demandadas. Abre-se novos cursos de graduação, pós-graduação, cursos técnicos e profissionalizantes. Na área de educação, Vilhena conta com quatorze instituições de ensino superior com cursos de graduação, nas modalidades presenciais, semipresenciais e educação a distância. Tem destaque entre as instituições que oferecem um dos 5 cursos de medicina no estado. Vilhena ocupa a terceira posição dentre as cidades do estado que oferecem cursos de graduação ficando atrás de Porto Velho com 22 instituições e Ji-Paraná com 17 instituições. Essas instituições oferecem cursos de bacharelado e licenciatura nas áreas de ciências exatas e da terra, ciências humanas, etc. Além de contar com 12 instituições que oferecem cursos profissionalizantes e de nível técnico, formando profissionais para atender as demandas na região e no estado.

Na área da saúde humana e serviços sociais, Vilhena conta com 193 estabelecimentos de prestação serviços. Destes, 186 estabelecimentos são de atividades de atenção à saúde humana, com 34 unidades de atendimento hospitalar; 24 unidades de serviços móveis de atendimento a urgência e de remoção de pacientes; 126 estabelecimentos de atividade de atenção ambulatorial; 66 estabelecimentos de atividades de serviços de complementação diagnóstica e terapêutica; 55 estabelecimentos de profissionais da área da saúde. O município conta com 34 estabelecimentos de atividades de atenção à saúde humana integrados com assistência social, prestado em residências coletivas e particulares (JUCER, 2019).

Alguns estabelecimentos desenvolvem várias especialidades sendo verdadeiros centros de saúde humana com atividades laboratoriais, realização de diversos exames, radiografias, assistência psicológica, etc., dentre outras atividades da área da saúde, pode encontrar diversos serviços de maior complexidade que são oferecidos nos grandes centros urbanos, sem a necessidade de deslocamento de pacientes em busca de tratamento em outras regiões do país.

No quesito de instituições financeiras Vilhena conta com 9 bancos comerciais (Banco do Brasil S/A, Banco Bandeirantes, Banco Santander, Banco Bradesco, Banco da Amazônia, Itaú - Unibanco, Banco do Estado do Acre, Banco Comercial e Industrial do estado de São Paulo, Agibank); conta com 9 cooperativas de crédito mútuo; 9 cooperativas de crédito rural; 40 *holdings* não financeiras; duas agências da Caixa Econômica; 3 bancos múltiplos com carteira comercial; 4 sociedades de fomento mercantil - *factoring* (JUCER, 2019). Os municípios da RPA de Vilhena e oeste mato-grossense, encontram praticamente tudo que precisam em Vilhena para dar suporte a produção agrícola, como financiamento de lavouras, máquinas, equipamentos, compra de veículos entre outros suportes, não sendo necessário se deslocarem aos grandes centros urbanos, como a capital de Rondônia, para tratar das situações financeiras, encontrando em Vilhena as principais agências bancárias.

A avenida Major Amarante é a principal área comercial, fora do eixo da BR, conta com uma grande concentração do comércio e das agências financeiras, sendo uma importante área

comercial de Vilhena. Essa concentração fez ocorrer um crescimento vertical da arquitetura da cidade, com diversos prédios de dois e três pisos, devido a supervalorização da área comercial. O município cresce tanto verticalmente, com a construção de prédios nas áreas mais valorizadas, assim como horizontalmente, a partir da abertura de novos loteamentos e condomínios fechados.

No eixo da BR-364 no perímetro urbano encontra-se diversas concessionárias de veículos automotores (Chevrolet, Ford, Fiat, Hyundai, Mitsubishi, Toyota), e de máquinas e implementos agrícolas (Case, Agralle, John Deere, New Holland, Massey Ferguson, Valtra), que trabalham com seus próprios bancos, oferecendo esse serviço na hora da compra. Ao contrário das agências financeiras, as concessionárias de veículos, máquinas e implementos agrícolas estão localizadas ao longo da BR-364. As máquinas e implementos agrícolas ficam expostos no pátio e na calçada das lojas dando maior visibilidade ao potencial cliente chamando a atenção de quem transita pela BR-364 ou na via marginal.

Nas vias marginais da BR 364, encontra-se as principais empresas ligadas a agropecuária, comércio de veículos, lojas de autopeças para linhas leves e pesadas, prestação de serviços a veículos automotores, caminhões, máquinas e implementos agrícolas, oficinas de motocicletas, casa de borrachas, 16 postos de combustíveis espalhados no perímetro urbano, etc.

Acompanhando o crescimento populacional da cidade e do comércio, ocorreu o crescimento dos hotéis e similares, em 1995 era apenas 18 estabelecimentos, já em 2018 foram registrados 76 estabelecimentos. Esses hotéis abrigam pessoas que vem trabalhar na cidade em períodos esporádicos, seja safra, entressafra, vendedores, prestadores de serviço ligado ao agronegócio ou não, vendedores atacadistas, prestadores de serviços na área da saúde, dentre outras atividades, movimentando o comércio e a economia local.

Em Vilhena encontra-se instaladas empresas como a Gazin Fábrica de Colchões, produzindo em Vilhena e exportando para o resto do país. Comércio varejista de lojas encontradas em todo o território nacional como a Havan, Lojas Americanas, *fast food* como o Bob's e o Subway; indústria esmagadora de grãos como Portal Óleos, com a produção de óleo e farelo; Zoche Baterias, indústria de baterias automotivas, Rical Indústria de Alimentos, dentre tantas outras.

Vilhena possui um shopping center chamado "Park Shopping Vilhena". É primeiro shopping da região, inaugurado em setembro de 2010, conta com estacionamento para 1.000 veículos, e atualmente emprega mais de 500 pessoas, sendo um dos pontos de encontro da cidade, com diversas lojas que comercializam roupas, calçados, maquiagem, eletrônicos, praça de alimentação, cinema, playground, dentre outros (WEBER, 2015; SEMMA, 2010).

A comunicação local fica por conta das seis emissoras de rádio e seis emissoras de televisão, além de dois jornais impressos, e 10 jornais online, mantém a população bem informada, seja por meio da TV, pelo rádio, ou pelos jornais online, acessado a qualquer momento e em qualquer lugar a partir de um smartfone.

Para deslocamento mais rápido ou emergências, o município possui um aeroporto que recebe voos civis e militares podendo receber voo de grandes aeronaves. O aeroporto recebe voos comerciais regulares diário, atende a todos os municípios da RPA de Vilhena e noroeste do estado do Mato Grosso.

O agronegócio vai se espacializando sobre as áreas do território rondoniense e impondo sua lógica produtiva de *commodities*, adaptando as cidades da região para o atendimento das demandas, imperando como modelo produtivo, aumenta as desigualdades socioespaciais locais, no entanto promove o crescimento e urbanização das cidades do agronegócio ou nucleadas a RPA.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reestruturação produtiva da agropecuária através dos avanços tecnológicos no campo, possibilitou o avanço do agronegócio nas regiões menos dinâmicas com a produção de *commodities* promovendo uma nova regionalização produtiva pelo Brasil e Rondônia.

A RPA de Vilhena com a produção de grãos, promoveu uma reestruturação na cidade de Vilhena, adaptando-a ao atendimento das demandas do agronegócio com a ampliação do comércio e empresas de prestação de serviços ligadas ou não ao agronegócio transformando na “Cidade do Agronegócio”, com crescente produção de grãos, contando com 231 empresas do ramo agropecuário ligadas diretamente ao agronegócio com o atendimento de insumos, produtos e serviços para atender a demanda do campo. Além dessas empresas, no município encontra-se instalados escritórios das grandes empresas hegemônicas como Bunge, Cargill, Grupo Amaggi, Grupo Masutti.

A atividade sojícola é desenvolvida largamente no país e em Rondônia com expansão a cada safra, trazendo benefícios econômicos e geração de divisas aos cofres públicos, porém gera desigualdades sociais, concentração fundiária, com efeito negativo mais acentuado sobre o campesinato. As relações sociais são modificadas com o avanço da modernização agrícola, como a implementação da mecanização do campo, que utiliza menor quantidade de mão-de-obra, a partir da revolução tecnológica. Fatores de ordem geográfica e econômica contribuíram para essa expansão da soja em Rondônia, como a disponibilidade de terras a preços mais baixos do que nas regiões já consolidadas, o que possibilitou a migração de produtores do oeste mato-grossense e sul do país, além das condições edafoclimáticas, relevo, demanda crescente mundial por *commodities*, e a logística através da Hidrovia do Madeira.

Internamente a soja ainda se encontra em fase de expansão pela RPA de Vilhena e por todo o estado. Haja vista uma mudança mais acentuada no perfil dos municípios da RPA de Vilhena com a expansão de áreas com soja e redução das demais atividades agrícolas e da pecuária. A soja é a continuidade das várias formas do processo de ocupação da região.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, M. Dinâmicas territorial, circulação e cidades médias. *In*. SPOSITO, E.S.; SPOSITO, M.E.; SOBARZO, O. (Orgs.). **Cidades Médias: produção do espaço urbano e regional**. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 71-85.
- BARBOSA, I.G. **Um estudo de percepção ambiental em Sapezal, Mato Grosso: elos para a Educação Ambiental**. 2011. Dissertação (Mestrado em Ciências Ambientais) - Programa de Pós-Graduação em Ciências Ambientais. Cáceres: PPGCA/UNEMAT, 2011.
- CASTILLO, R. *et al.* Regiões do agronegócio, novas relações campo cidade e reestruturação urbana. **Revista da Anpege**, v. 12, n. 18, p. 265-288, 2016.
- COSTA SILVA, R.G. A regionalização do agronegócio da soja em Rondônia. **GEOUSP: Espaço e Tempo (Online)**, São Paulo, v. 18, n. 2, p. 298-312, 2014.
- ELIAS, D. Reestruturação produtiva da agropecuária e novas regionalizações no Brasil. *In*: ALVES, V.E.L. **Modernização e regionalização nos Cerrados do Centro Norte do Brasil**. Rio de Janeiro: Consequência, 2015. p. 25-44.
- ELIAS, D. Agronegócio globalizado e (re) estruturação urbano-regional. *In*: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA

- EM PLANEJAMENTO URBANO E REGIONAL-ENANPUR, 17., 2017, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: ENANPUR, 2017.
- ELIAS, D. Agricultura e produção dos espaços urbanos não-metropolitanos: notas teórico-metodológicas. *In*: SPOSITO, M.E.B. (org.). **Cidades médias: espaços em transição**. São Paulo: Expressão Popular, 2007. p.113-138. (Coleção Geografia em Movimento).
- ELIAS, D. Agronegócio e desigualdades socioespaciais. *In*: ELIAS, D.; PEQUENO, R. **Difusão do agronegócio e novas dinâmicas socioespaciais**. Fortaleza: Banco do Nordeste/Etene, 2006. p. 25-81.
- ELIAS, D. Agronegócio e novas regionalizações no Brasil. **Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais**, v. 13, n. 2, p. 153-167, nov., 2011.
- ELIAS, D. **Globalização e agricultura: a região de Ribeirão Preto**. São Paulo: Edusp, 2003.
- ELIAS, D. Regiões produtivas do agronegócio: notas teóricas e metodológicas. *In*: BERNARDES, J.; SILVA, C.A.; ARRUZZO, R.C. **Espaço e energia: mudanças no paradigma sucroenergético**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2013. p. 201-220.
- ÉPOCANEGÓCIOS. **JBS e Seara possuem plantas entre as aprovadas para exportação de carne à China**. 2019. Disponível em: <https://epocanegocios.globo.com/>. Acesso em: 09 jan. 2020.
- FIORAVANTI, L.M. Da “cidade do agronegócio” à “cidade como negócio”: (re)inserindo o urbano no debate. **Boletim Paulista de Geografia**, n. 98, p. 23-37, 2018.
- FREDERICO, S. As cidades do Agronegócio na fronteira agrícola moderna brasileira. **Caderno Prudentino de Geografia**. Presidente Prudente, v. 1, n. 33, p. 5-23, jan./jul. 2011.
- FREDERICO, S. **O novo tempo do cerrado: expansão dos fronts agrícolas e controle do sistema de armazenamento de grãos**. São Paulo: Annablume, 2010.
- GABRIG, I.P.A. O processo da produção e os agentes modeladores das cidades do agronegócio. *In*: BERNARDES, J.A.; BUHLER, E.A.; COSTA, M.V.V. **As novas fronteiras do agronegócio: transformações territoriais em Mato Grosso**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2016. p. 101-121.
- IBGE. **Censo Agropecuário 2017**. Disponível em: <https://censoagro2017.ibge.gov.br/>. Acesso em: 18 maio 2019.
- IBGE. **Censo Demográfico 2010**, SIDRA, 2019. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/resultados.html>. Acesso em: 03 dez. 2019.
- IBGE/SIDRA. **Pesquisa Agropecuária Municipal, área de produção de soja**. 2019. Disponível em: <https://sidra.ibge.gov.br/tabela/188#resultado>. Acesso em: 15 maio 2019.
- JUCER. **Junta Comercial do Estado de Rondônia**. 2019. Disponível em: <http://www.odr.ro.gov.br/>. Acesso em: 13 jan. 2020.
- MALDONADO, G.I. ALMEIDA, M.C. PICCIANI, A.L. Divisão territorial do trabalho e agronegócio: o papel das metrópoles nacionais e a constituição das cidades do agronegócio. *In*: BERNARDE, J.A.; FREDERICO, S.; GRAS, C.; HERNANDEZ, V.; MALDONADO, G. (Org.). **Globalização do agronegócio e land grabbing: a atuação das megaempresas Argentinas no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2017. p. 57-80.
- MARQUES, Eliete. **Autoridades realizam visita técnica em frigorífico da JBS em Vilhena, RO**. 2017. Disponível em: <https://g1.globo.com/ro/rondonia/>. Acesso em: 09 jan. 2020.
- SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SANTOS, M. **Técnica, espaço, tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.

SANTOS, M. Circuitos espaciais da produção: um comentário. *In*: SOUZA, M.A. A.; SANTOS, M. (Orgs.). **A construção do espaço**. São Paulo: Nobel, 1986.

SANTOS, M.; SILVEIRA, M.L. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SEMMA. **Primeiro shopping de Vilhena é inaugurado**. 2010. Disponível em: <http://www.semma.com.br/>. Acesso em: 14 jan. 2020.

WEBER, D. **Shopping de Vilhena, RO, é atingido por incêndio e tem área destruída**. 2015. Disponível em: <http://g1.globo.com/ro/rondonia/noticia/2015/05/parte-de-shopping-em-vilhena-ro-e-destruida-apos-incendio.html>. Acesso em: 14 jan. 2020.